



Universidade de São Paulo

Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI

Museu de Arqueologia e Etnologia - MAE

Livros e Capítulos de Livros - MAE

2014

O que é arqueologia

<http://www.producao.usp.br/handle/BDPI/47550>

Downloaded from: Biblioteca Digital da Produção Intelectual - BDPI, Universidade de São Paulo



*Escavação de sepultamentos
por arqueóloga do MAE-USP
(Sambaquí Joboticabeira II,
Jaguaruna, SC).
Foto: Paulo DeBlasis*

O QUE É ARQUEOLOGIA



1

◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇
Paulo DeBlasis
◇◇◇◇◇◇◇◇◇◇

Todo mundo tem uma ideia do que seja arqueologia. Ao serem indagadas, as pessoas geralmente evocam uma ideia romântica de arqueologia, envolvendo aventuras, tesouros e objetos exóticos em países longínquos, antigas cidades maias e os túmulos de faraós egípcios, entre outros achados espetaculares. Os estereótipos das aventuras dos arqueólogos explorando relíquias valiosas de antigas civilizações, sendo atacados por múmias (re)criadas pela indústria cinematográfica norte-americana só fizeram reforçar essas imagens, por vezes divertidas, mas quase sempre falsas, do trabalho do arqueólogo que, como seria de se esperar, é bastante diferente do imaginário criado em torno dele.

A arqueologia é habitualmente vista como uma disciplina dirigida para a compreensão dos estilos de vida e da evolução do gênero humano, por meio dos aspectos materiais de sua cultura. Trata-se, assim, de uma ciência humana, *mezzo* histórica *mezzo* antropológica, que visa a entender as sociedades humanas, muito especialmente aquelas do passado mais remoto, anteriores ao advento da escrita. Essas culturas anteriores à introdução da escrita só podem ser acessadas por meio dos vestígios materiais que essas deixaram nos locais em que viveram (chamados *sítios arqueológicos*), isto é, o que restou das coisas que as pessoas fabricaram e usaram ao longo da vida.

Assim, o que a arqueologia tradicionalmente faz é estudar sistematicamente esses remanescentes materiais de antigas socieda-

des (os quais chamamos de *registro arqueológico*) que se encontram enterrados no solo, em cavernas e abrigos rochosos, enfim, dispersos nas diversas paisagens do planeta, por toda parte por onde a humanidade tem passado. Os vestígios arqueológicos permitem compreender como essas sociedades viviam e se organizavam, quantos eram (demografia), de onde vieram (migrações), como se relacionavam com o meio ambiente (adaptação), suas bases econômicas e tecnológicas, por que desapareceram, e assim por diante.

É claro que, quanto mais antigos forem esses vestígios de antigas culturas, menos se encontram bem-preservados, e mais difícil será compreender o modo de vida. Por exemplo, de um corpo sepultado em terreno aberto, depois de poucos anos sobrarão apenas os ossos; com mais tempo ainda, apenas os dentes, até não sobrar mais nada, a não ser que existam condições que possibilitem que esse corpo se fossilize. Por isso, para entender como os humanos se adaptavam aos ambientes antigos (restos associados à evolução humana podem alcançar mais de 4 milhões de anos), os arqueólogos precisam dialogar também com a geologia e o estudo dos paleoambientes (isto é, ambientes antigos).

Atualmente, a arqueologia adquiriu uma perspectiva mais ampla. Hoje, o foco de estudo são os diferentes ambientes do planeta e a sua historicidade. Como não existem paisagens que não tenham sido afetadas pela longa convivência com as sociedades humanas, os arqueólogos investigam de que maneira os grupos humanos ocuparam essas diversas regiões da Terra, modificando-as ao mesmo tempo em que se adaptavam a elas, em uma relação quase sempre longa e de influências e transformações mútuas.

Como os ambientes do planeta foram se transformando ao longo do tempo, assim como as sociedades humanas que neles viveram, a arqueologia, junto à ecologia, busca examinar essa longa história em que a espécie humana, ao mesmo tempo em que se adapta a esses diversos ambientes, os transforma de acordo com seu próprio interesse. Ao longo desse processo, deixa as marcas de sua presença, e as transformações que realizou, impressas na própria paisagem, na forma de objetos abandonados, que depois são enterrados com o tempo, ou mesmo construções duradouras, como os castelos da Europa medieval ou as fortalezas dos incas.

No entanto, os vestígios da presença humana vão além dos objetos e utensílios abandonados e casas e construções públicas (praças, templos, etc.) que as sociedades humanas deixaram, coisas essas que os arqueólogos chamam de *cultura material*. Os arqueólogos e ecólogos estudam vestígios bem mais sutis, como a variação da com-



Cena de escavação
no Abrigo Vermelho,
Rondonópolis, MT.
1998.

Foto: Paulo DeBlasis

posição das formações vegetais ao longo do tempo, muitas vezes influenciada pela ação humana, ou a presença de níveis enterrados de carvão indicando queimadas, ou, ainda, modificações intencionais das formas naturais do terreno causadas por estradas, canais, etc. Com as modificações naturais (climáticas, erosão, etc.), essas modificações sutis, impressas na paisagem, informam aos pesquisadores de que maneira determinada região adquiriu a fisionomia que tem hoje, fruto tanto de mudanças naturais como de intervenções *antrópicas* (isto é, feitas pelo homem).

Assim, examinando esses vestígios, muitos dos quais sobrevivem longamente ao passar do tempo (chegando aos dias de hoje), os arqueólogos tentam entender a relação das sociedades humanas com os ambientes em que vivem, sua história e as maneiras como fizeram isso (tecnologia, economia, organização social, etc.). Para contar essas histórias vale tudo, desde vestígios impressionantes na paisagem, como as pirâmides egípcias ou os sambaquis, mas também evidências bem mais discretas, como restos de pequenos acampamentos de caça, ou sutis mudanças no perfil da vegetação de uma região. Os arqueólogos podem, assim, entender como determinados ambientes e o conjunto das sociedades que neles existem ou existiram (ou seja, a paisagem) evoluíram, em um processo de mudança e transformação em que a presença humana exerce sempre um papel ativo e dinâmico, nunca passivo.

Assim, a arqueologia hoje estuda a história do planeta de maneira total, atenta ao mesmo tempo ao impacto das mudanças ambientais (clima, vegetação, etc.) nas sociedades humanas, e como fizeram para elas se adaptarem, mas, principalmente, às maneiras como, por meio de sua criatividade tecnológica e da percepção do



Pesquisadora analisando restos esqueléticos humanos em laboratório. São Paulo, SP.

Foto: Paulo DeBlasis

mundo à sua volta, essas sociedades transformaram o mundo, adaptando-o a seus próprios fins.

É por essa razão que a arqueologia não pode prescindir de um enfoque multidisciplinar, lidando tanto com as ciências da terra (geologia, geografia, climatologia, etc.), quanto com as ciências humanas (antropologia, sociologia, história), das quais, tendo no homem o foco de atenção, ela mesma faz parte.

Para alcançar seus objetivos, a arqueologia congrega uma variedade de metodologias. As mais conhecidas e diretamente ligadas ao trabalho do arqueólogo são aquelas direcionadas para a recuperação e análise da cultura material, vestígios deixados na paisagem (construções e sua arquitetura, antigas aldeias e os artefatos ali encontrados, etc.), pesquisados através de estudos de distribuição espacial (isto é, como se encontram dispersos em um dado território

e o que isso significa) e escavações, quando os arqueólogos recuperam vestígios mais antigos enterrados no solo.

Dessa forma, os arqueólogos estudam tanto as edificações (por exemplo, uma cidade antiga, um castelo medieval, etc.) quanto os artefatos (objetos fabricados e usados pelas pessoas) recuperados nas escavações, mas também estruturas impressas na paisagem, como antigos canais para transportar água, terraços para agricultura, solos enriquecidos artificialmente com a adição de materiais orgânicos, entre outras coisas. Assim, é difícil perceber, hoje, algum lugar do mundo que não tenha sido transformado, em maior ou menor grau, pela agência humana.

Com a expansão da arqueologia em grande escala por todos os países, e ao estudar os mais diversos ambientes, a arqueologia vem conseguindo, cada vez mais, detectar padrões de adaptação e transformação cultural, praticados pelas diferentes sociedades humanas ao longo do espaço e do tempo, em escala planetária. Dessa forma, vem se conseguindo examinar a correlação entre a história humana e os eventos macroambientais, a exemplo dos ciclos climáticos de larga escala, como nunca se fez antes, abrindo espaço para estudos de grande impacto e para perspectivas de planejamento futuro.

A arqueologia é, hoje, uma das mais importantes ciências humanas, lidando com dados antropológicos e ambientais de maneira integrada. Não apenas mostra a longa história do relacionamento humano com o planeta, como conduz a um profundo conhecimento dos seus ambientes e de como as tecnologias humanas os impactaram ao longo dos muitos milênios dessa história de convivência e transformações mútuas. Os estudos arqueológicos, integrados aos estudos de ecologia, mostram os caminhos da Humanidade até o presente e deixam, assim, indicações preciosas de como a caminhada para o futuro não pode ser irresponsável, mas baseada nos conhecimentos e no saber acumulados, nas experiências e sucessos, inclusive com os fracassos, ao longo desse extenso trajeto.